

AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE PROFESSORES¹

Lindsay Viviane da Conceição Oliveira²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, realizado no âmbito do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Campus dos Malês – BA, que teve a finalidade de investigar de que maneira as professoras desenvolvem ações afetivas no cotidiano escolar, com crianças de 03 a 05 anos, em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Santo Amaro – BA. A pesquisa é de natureza qualitativa, cuja realização ocorreu através de entrevista semiestruturada com 6 (seis) professoras. Foi possível averiguar que as docentes reconhecem a importância da afetividade na Educação Infantil; que elas buscam, no cotidiano da sala de aula, desenvolver ações afetivas que contribuam com o processo de ensino e aprendizagem, potencializando o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Almeja-se que este trabalho colabore com o debate acerca da afetividade na prática docente, incitando a realização de outras investigações nessa área.

Palavras-chave: educação afetiva - Santo Amaro (BA); educação infantil - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This article presents the results of a research work for Completion of Course-TCC, carried out within the scope of the Degree in Pedagogy - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Campus dos Malês - BA, which had the purpose of to investigate how teachers develop affective actions in the school routine, with children from 03 to 05 years old, in an Early Childhood Education school in the municipal teaching network of Santo Amaro - BA. The research is of a qualitative nature, which was carried out through semi-structured interviews with 6 (six) teachers. It was possible to verify that the teachers recognize the importance of affectivity in Early Childhood Education; that they seek, in the everyday life of the classroom, to develop affective actions that contribute to the teaching and learning process, enhancing the emotional, social and cognitive development of children. It is hoped that this work will collaborate with the debate about affectivity in teaching practice, encouraging further investigations in this area.

Keywords: affective education - Santo Amaro (BA); early childhood education - Santo Amaro (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia Cardoso Silveira.

² Graduanda na Licenciatura em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

No momento em que se fala em educação, é possível direcionar-se a várias questões, sendo de grande relevância reporta-se também ao campo das emoções. Para que a criança possa se adaptar ao meio escolar em que será inserida e tenha um aprendizado que seja significativo, a afetividade se revela como essencial no cotidiano da sala de aula.

De acordo com Wallon (1992), a relação entre afetividade e inteligência se alterna, ou seja, a partir do momento que o conhecimento está mais voltado para si, o que predomina é a afetividade e quando está direcionado ao mundo externo o predomínio é o cognitivo. A afetividade antecede a inteligência e está associada às emoções e a construção sadia do indivíduo. Logo, para que a inteligência aconteça, é importante que a criança seja nutrida de afeto, que vai muito além do abraçar e beijar.

É importante que a criança veja o professor como alguém que irá protegê-la, ajudando-lhe a aprender, servindo de referência em sua vida. Nesse sentido, a prática docente precisa ser desenvolvida a partir de acolhimento, sensibilidade, empatia, entre outras atitudes afetivas que assegurem à criança o seu desenvolvimento, fazendo com que ela tenha vontade de estar naquele espaço escolar. Nesse sentido, este texto foi construído com a finalidade de apresentar os resultados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, desenvolvida no âmbito do Curso de Pedagogia - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, que objetivou investigar de que maneira as professoras desenvolvem ações afetivas no cotidiano escolar, com crianças de 03 a 05 anos, em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Santo Amaro – BA. Já os objetivos específicos foram: **a)** levantar as percepções das professoras acerca da importância da afetividade na Educação Infantil; **b)** caracterizar os tipos de vínculos afetivos realizados pelos professores para com os estudantes; **c)** identificar em quais momentos o afeto é incluído no cotidiano das crianças.

O interesse em realizar essa pesquisa surgiu quando a proponente deste trabalho atuou como docente numa creche do município de Santo Amaro - BA, com crianças do Grupo III. Havia uma criança muito calada e que não era adepta a dar e receber afeto; demonstrava algumas dificuldades de socialização, de coordenação motora, entre outras. Mesmo sabendo que cada criança tem suas especificidades e que precisam ser respeitadas, era algo que inquietava a proponente dessa pesquisa. Diante disso, ela teve o cuidado e a sensibilidade de observá-la e aos poucos, no tempo da criança, foi se aproximando, estimulando a interação social, mas de um jeito cuidadoso e carinhoso. Sempre que a criança permitia, a mesma a

recebia com abraço, perguntava como foi o seu dia e a chamava de princesa, conquistando sua confiança e fazendo com que ela se sentisse segura e protegida.

Após 02 meses, a criança era outra, participava de tudo, permitia abraços, só queria ser chamada de princesa, se envolvia nas brincadeiras com os colegas, respondia a todos os questionamentos feitos sobre o conteúdo trabalhado, se desenvolvendo de uma maneira que não parecia a menina que chegou ao início do ano. Ao final do ano, foi uma das crianças mais desenvolvidas da turma, interagia com todos, e só chegava à escola correndo em direção a professora para abraçá-la, expressando suas emoções. Foi perceptível o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da aluna. O fato de ela ter sido acolhida em um ambiente que existia contato, interação social, estímulos, sensibilidade e troca de sentimentos, fez com que isso acontecesse. Por essa razão, ao perceber o quanto a afetividade é importante na educação infantil, o quanto o aprendizado, que vai desde a infância até o fim da vida, está ligado ao afeto recebido, é que decidiu-se investigar sobre o tema.

A investigação de abordagem qualitativa, foi desenvolvida através de entrevista semiestruturada com professoras que atuam na Educação Infantil, nos Grupos III, IV e V, em uma escola pública da cidade de Santo Amaro - BA.

A pesquisa é relevante para o entendimento da importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil, colaborando com estudantes do Curso de Pedagogia, que serão futuros professores, e com profissionais da Educação Infantil em sua prática pedagógica, despertando o interesse na realização de outras investigações nesse campo, pois o tema é amplo e há muito o que se discutir.

O texto está estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda parte reflete sobre a importância e as contribuições da afetividade no cotidiano da escola. A terceira, apresenta de forma resumida os procedimentos metodológicos da pesquisa. Posteriormente, aborda acerca dos resultados do estudo. E, por fim, traz as considerações finais.

2 PRÁTICAS AFETIVAS NA SALA DE AULA: TECENDO ALGUMAS ANÁLISES

Tendo como base a literatura consultada, este tópico propõe tecer algumas análises acerca da importância da afetividade no cotidiano escolar. Dessa forma, busca abordar sobre o papel da Educação Infantil; em seguida, contempla as concepções de afetividade na Educação

Infantil; e, por fim, discorre sobre como as ações afetivas podem ser desenvolvidas na sala de aula.

2.1 A CRIANÇA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao abordar o tema Educação Infantil, é importante falar sobre a concepção de criança e infância, um verdadeiro desafio, visto que a complexidade e extensão do tema dificulta uma definição homogênea. Sendo assim, o Referencial Curricular Nacional Infantil, esclarece:

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem do grupo étnico do qual fazem parte. (BRASIL, p.15, 1998).

Através da citação acima, é possível observar que a concepção de criança é influenciada por vários aspectos externos que interferem diretamente na vida de cada indivíduo, ao passo em que não há um conceito geral com alcance global.

Vale destacar que por muito tempo se teve uma concepção equivocada de infância. As crianças, hoje, têm direitos reconhecidos e assegurados por lei, como educação e saúde, ainda que, em muitos espaços, não sejam efetivados na prática. Mas na idade Média, esse tratamento não era dado às mesmas, elas eram vistas como meros seres biológicos, sem independência existencial e regimento social. Sempre existiu criança, mas nem sempre existiu infância (SARMENTO, 2002). A ideia de infância surgiu por volta do século XIII, ainda assim, de acordo com Ariés (1973), no final do século, as crianças ainda eram retratadas como homens em miniaturas. A partir dos sete anos, faziam tudo misturadas com os adultos, trabalhavam, comiam e se divertiam; sendo preparadas para entrar na sociedade adulta. Diante disso, não tiveram a fase do brincar, estudar e se divertir como acontece atualmente, sendo assim, não vivenciaram o período da infância e juventude.

Aos poucos na história, passamos a um estágio no qual as crianças não se encontravam mais misturadas com os adultos, sem diferenciar as roupas, as atividades e aprendizado, recebendo valor em suas características próprias. Segundo Nascimento, Brancher e Oliveira (2008, p.5), surge no século XVII nas classes dominantes, a primeira concepção verdadeira de infância; os adultos passaram a ver as crianças como seres que necessitavam de amparo e proteção, colocando a criança em seu devido lugar na sociedade distinguindo-a dos adultos.

Pode-se perceber, portanto, que até o século XVII, a ciência desconhecia a infância. “[...] Foi, então, a partir das ideias de proteção, amparo, dependência, que surgiu a infância”. Logo, houve uma tomada de consciência por parte dos adultos, de que a criança apresentava particularidades e especificidades, precisava de atenção especial e também possuía um potencial a ser desenvolvido.

Assim, no decorrer da história, a concepção de infância foi se transformando mediante as mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas ocorridas no mundo. Atualmente, entendemos a criança como um ser com identidade social e histórica, em processo de desenvolvimento que integra diferentes grupos sociais e possui especificidades psicológicas, emocionais, físicas, sociais e cognitivas, exigindo do educador um conhecimento amplo de suas necessidades e potencialidades.

Devemos considerar, por fim, que cada criança traz suas particularidades dentro da infância, logo não existe apenas uma concepção desta, são consideradas a partir das experiências adquiridas comumente e compartilhadas a partir de outras vivências (MÜLLER e HASSEN, 2009). A infância atualmente é vista como uma construção social, produzida não só em família, mas também através da escola que mantém seus objetivos alinhados ao processo do cuidar, educar e brincar. Nesse sentido, a escola é muito importante na formação da criança. As experiências que as crianças vivem na instituição têm um significado muito grande no seu desenvolvimento social e afetivo. O professor precisa saber lidar com as emoções na sala de aula de Educação Infantil, pois é dali que vai depender o desenvolvimento de aprendizagem da criança.

De acordo com Bujes (2001), o surgimento das creches e pré-escolas, se deu depois das escolas e está associado ao trabalho materno fora do lar. Essas creches tinham o cunho totalmente assistencialista, onde o foco era a guarda, higiene, alimentação e cuidados físicos, sem fins educativos, e estava associada à revolução industrial, com o crescimento do número de fábricas, pois nesse momento as mulheres deixaram seus lares por um período para entrarem no mercado de trabalho e precisavam de um lugar para deixar seus filhos.

Aos poucos a história da Educação Infantil foi mudando, hoje, de acordo com o Referencial Curricular Nacional (RCN), tem como função o cuidar da criança na escola, considerando a alimentação, a limpeza e o lazer e o educar, respeitando a importância das atividades lúdicas. A educação de crianças de 0 a 5 anos exige que os dois processos sejam trabalhados simultaneamente. O cuidar e educar não podem ser trabalhados dissociados, o profissional dessa área precisa compreender a importância de trabalhar de forma que eles

estejam integrados, de maneira que as práticas pedagógicas estejam voltadas para a realidade que aquela criança está inserida, respeitando suas especificidades, auxiliando no seu aprendizado. As crianças nessa idade precisam de carinho, atenção, segurança, ações que recuperem sua autoestima, e o profissional precisa ter sensibilidade para enxergar as necessidades de cada aluno.

No ano de 1988, com a Constituição Brasileira consolidou-se a Educação Infantil, começando a ter diretrizes específicas. Dessa forma, destaca-se também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 que aponta a importância das creches e pré-escolas na formação estudantil, para crianças de zero a cinco anos, integrando o sistema educacional, sendo a primeira etapa da Educação Básica.

O Art. 29 da LDB faz referência sobre o que seja educação infantil: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco)³ anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A escola, sobretudo, desempenha um papel importante na vida social das crianças, pois é a partir das interações que se produzem as experiências que fazem parte da infância. Logo, se torna um espaço não só de aprendizagens, mas de construção de um conjunto de conhecimentos que perpassam o educar. Sobre isso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010) propõe como objetivos essenciais para as escolas: garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Sendo assim, estes espaços precisam contribuir para a formação de um sujeito total e pleno, sendo que uma prática educativa permeada por ações afetivas é de suma importância, conforme será discorrido nos tópicos a seguir (BRASIL, 2010).

³ Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (CAP.II; SEÇÃO II; ART.29)

2.2 AS CONCEPÇÕES E A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Existem várias teorias sobre afetividade e sua importância; pensadores conhecidos e especialistas na área muito contribuíram para que o tema ganhasse maior espaço nos debates do campo educacional. Assim, é fundamental, de início, entender o seu significado.

Sobre a definição de afetividade, Ferreira (1975, p. 44), no dicionário Aurélio conceitua:

s.f.1. Qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristezas. (FERREIRA, 1975, p.44)

Nesse contexto, é possível dizer que a afetividade é um estado psicológico que envolve uma mistura de sentimentos bons ou ruins, sendo que ambos desempenham um papel essencial no desenvolvimento intelectual do homem e em suas relações sociais.

De acordo com Santos e Rubio (2012), a afetividade é a demonstração das emoções que supõe o cultivo em si e no seu meio social (família, amigos), através de habilidades próprias do coração humano. Saber controlar essas habilidades auxilia nos sentimentos, estabelecendo verdadeiras relações humanas e significativas. A afetividade é um processo inerente ao ser humano, e é desenvolvido desde a sua infância, por meio de motivações.

É no ambiente social que a criança desenvolve a afetividade, sendo que é na estrutura familiar que acontece a primeira vivência da criança e as primeiras relações afetivas dela. Mas o processo é ampliado/fortalecido no âmbito escolar, onde ele se torna rico e muito significativo para cada um. É evidente a importância da escola na formação da criança; as experiências que elas vivem na instituição têm um significado muito grande no seu desenvolvimento social e afetivo. O professor precisa saber lidar com as emoções na sala de aula de Educação Infantil, pois elas têm relação direta com o desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Para entender melhor sobre a importância da afetividade e sua relação com o desenvolvimento da criança, é preciso fazer um breve resumo das teorias do desenvolvimento de Piaget, Wallon e Vygotsky, estudiosos que cooperaram para que o tema da afetividade adquirisse maior importância na esfera educacional.

Piaget (2014) defende a teoria de que o desenvolvimento intelectual tem dois elementos, o cognitivo e o afetivo, porém o desenvolvimento do afeto ocorre no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, ou seja, afetividade e cognição não estão dissociadas, uma

complementa a outra. Na perspectiva do autor, a afetividade é essencial para que aconteça o desenvolvimento da inteligência, e sem ela não há estímulo, nem desenvolvimento mental. O teórico acredita que a afetividade tem o poder de apressar, quando há interesse e necessidade; ou atrasar, quando existe alguma barreira, a evolução intelectual do sujeito.

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (PIAGET, 1976, p. 16).

De forma similar, Oliveira (1992) enfatiza que a teoria de Vygotsky diz que o pensamento se inicia na motivação e na ligação que existe entre o afeto e o intelecto. Esse teórico salienta a importância da relação entre os aspectos cognitivo e afetivo no funcionamento do psicológico humano, pois para ele não se pode dissociar o afetivo do intelectual. Vygotsky menciona, explicitamente, que:

[...] um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva (VYGOTSKY, 1998, *apud*, OLIVEIRA, 1992, p. 76).

Nessa direção, Almeida (2001) acrescenta que nas pesquisas realizadas por Henri Wallon, a dimensão afetiva é destacada de maneira muito significativa na construção da pessoa e do conhecimento, para o autor, a afetividade e a inteligência, mesmo tendo funções diferentes e estabelecidas, são indissociáveis na evolução psíquica do sujeito. Assim como a inteligência, a afetividade está presente em todo percurso da vida do sujeito e não deve ser separada na construção da personalidade da criança.

Wallon (1992) coloca a afetividade como um dos aspectos principais do desenvolvimento, e não vê a inteligência como o principal componente de desenvolvimento. Para esse teórico, a vida psíquica é constituída por três dimensões; motora, afetiva e cognitiva, atuando sempre de maneiras integradas e mostrando que a afetividade pode ser manifestada por meio da emoção (quando o afeto é demonstrado através de manifestações do corpo e sistema motor), do sentimento (expressão do afeto sem a rapidez da emoção, aparece quando a criança inicia a manifestação da fala) e a paixão (pode ser presenciada através do autocontrole da

emoção em função de um objetivo). Apesar da afetividade e a inteligência serem palavras distintas, são indissociáveis do ponto de vista do ensino e aprendizagem.

A teoria walloriana ressalta que, trabalhar a afetividade na educação, principalmente na relação existente entre adulto/criança, é saber lidar com a disciplina, as emoções e com a postura do conflito eu/outro. Nesse sentido, o professor deve se preocupar em conhecer seus alunos não somente quanto ao aspecto cognitivo, mas também ao emocional. É importante ter uma percepção, um olhar sensível para identificar os interesses de cada criança, as conhecendo e entendendo para trabalhar melhor suas emoções e lidar melhor com os conflitos emocionais em sala de aula. O profissional precisa ser curioso e pesquisador, assim será mais fácil encorajar a criança a se conhecer e se construir.

Entre os teóricos apresentados, Wallon foi o que mais se aprofundou na questão afetividade no âmbito escolar. Segundo Galvão (1996), para esse teórico, os aspectos físicos, as pessoas, os conhecimentos e linguagens de uma determinada cultura formam o contexto do desenvolvimento de um indivíduo. De acordo como a criança interage com esses aspectos, ela vai adquirindo características que são essenciais para o seu desenvolvimento.

Desse modo, fica evidenciada a importância de cuidar do aspecto afetivo no processo de ensino aprendizagem, tendo em consideração que a criança é diferente em cada fase do seu desenvolvimento, tanto no cognitivo como no afetivo. Nesse sentido, é essencial que o professor tenha o olhar sensível, no qual seja capaz de interagir com a criança, estabelecendo uma relação amigável, inserindo em suas práticas educativas, a afetividade, investindo em estratégias que de alguma forma, constituam elos fortes, dando voz e vez, mas sempre respeitando as particularidades e potencialidades de cada um.

2.3 AS PRÁTICAS AFETIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se falar em afetividade na relação entre professor e aluno, não está abordando a afetividade feita apenas com abraço ou com o beijo a todo o momento. Não que essas ações não sejam importantes, mas vai muito além disso; a palavra está relacionada à maneira que as situações do dia a dia, internas ou externas, afetam a vida das pessoas, de maneira positiva ou negativa. Nesse sentido, é preciso construir uma relação emocional, no cotidiano, com os alunos, abrangendo disponibilidade, escuta e um envolvimento de corpo inteiro.

É importante que o educador invista em estratégias que de alguma maneira constituam elos fortes, estabelecendo uma relação íntima e amigável com a criança. O afeto irá estabelecer

uma relação pautada em confiança e admiração, fazendo com que a criança permaneça na escola por prazer, estreitando os laços entre aluno/professor e gerando um aprendizado significativo.

Nesse sentido, Antunes (2007, p. 12) afirma que:

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado.

O professor deve se basear numa pedagogia afetiva para ter sucesso em seu trabalho, considerando e valorizando as emoções e sentimentos das crianças. Muitos professores ao desenvolver seu trabalho não obtém o sucesso almejado; um dos motivos é a falta de afetividade e envolvimento com os alunos. A partir do momento que a afetividade é inserida no espaço da sala de aula, irá fazer com que o aluno alcance os seus melhores resultados, aprendendo cada vez mais e com mais facilidade. Os educadores precisam elevar a autoestima dos estudantes, trabalhar a empatia, a autoconfiança, melhorando a sociabilidade e os aspectos cognitivos, conseqüentemente.

Conforme Mutschele (1994), quando a criança entra na escola pela primeira vez, é importante que seja bem recebida, pois nesse momento acontecerá uma separação de sua vida familiar para dar início a uma nova experiência que deverá ser totalmente agradável para que aquela situação seja amenizada. Então a partir do momento que uma criança entra na escola, é importante se sentir acolhida e protegida; professores e alunos conseguem criar laços de amizade entre eles através da afetividade; essas relações e vínculos criados pelo afeto, além de serem baseados por sentimentos, precisam ser demonstrados através de ações que expressem cuidado e interesse para com o outro.

É importante que a criança veja o professor como alguém que irá protegê-la, ajudando-lhe a aprender muitas coisas, servindo de referência em sua vida. Segundo Piletti (1988, p. 24), “No decorrer de sua vida diária, o aluno sofre uma série de influências que vão ter repercussões, negativas ou positivas, em seu trabalho escolar”. Nesse sentido, a prática pedagógica precisa ser desenvolvida a partir de acolhimento, desde a chegada até a saída, de sensibilidade, de empatia e sentimentos, oferecendo proteção, conforto, sempre direcionando o olhar ao olho da criança, durante os contatos, seja para brincar, cuidar, acolher uma fala, choro ou lembrar uma regra, sempre com o tom de voz brando. A escuta e interação, durante esses momentos, assegurarão a criança momentos mais significativos do ponto de vista da aprendizagem.

Nessa perspectiva, a educação precisa promover a construção do conhecimento através do afeto, respeitando às dificuldades e os sentimentos do educando. Será em vão tentar formar cidadãos através do castigo e/ou autoritarismo; o professor deve evitar ser agressivo, mesmo oralmente, ao mesmo tempo em que precisa mostrar as crianças, buscando maneiras diferentes, que existem limites, os quais precisam ser respeitados.

O educador, que em sua prática busca promover a autonomia dos educandos, deve estar atento à relação autoridade-liberdade. Para que haja a necessária disciplina sem haver autoritarismo ou licenciosidade, o equilíbrio entre ambas é necessário. “O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade” (FREIRE, 2000, p. 99).

Para a aprendizagem na Educação Infantil, a construção desse ambiente é muito importante; a atitude do professor servirá de referência para a criança. De acordo com Wallon (1995), a criança é um ser dotado de afetividade. O teórico afirma que as primeiras manifestações de afetividade da criança começam ainda na gestação, através dos movimentos de pedalada, enfatizando que nas crianças de pouca idade as emoções são mais acentuadas, e que seus pais e professores são suas referências.

Então caso não seja estabelecida uma boa relação afetiva entre professor e aluno, será ilusório acreditar que o ato de educar terá sucesso completo, ou seja, pode até haver algum tipo de aprendizagem, mas a mesma não será expressiva. Dessa forma, o docente deve avaliar e compreender seus alunos não somente no desenvolvimento cognitivo, mas, também, no emocional.

Cada aluno é um ser único que precisa conquistar a sua própria identidade. “O respeito a essa diferença é que formará a sua autonomia e o resgate de sua segurança para ser o que deve vir a ser” (CUNHA, 2012, p.120). Diferenças na educação são superadas pela maneira que o professor trata seu aluno, ele é o mediador em sala. É o professor quem deverá dar o primeiro passo criando oportunidades para o enriquecimento das relações de aprendizagem.

Não é preciso existir um momento específico para que aconteça a demonstração de afetividade na Educação Infantil, o afeto deve acontecer em toda a rotina da criança. É importante criar uma relação em que o afeto seja evidente em todos os momentos, promovendo atividades lúdicas, observando e dando atenção ao que a criança diz e faz durante as aulas, dando chance dela se expressar, através das rodas de conversas, contações de histórias, valorizando o que está sendo apresentado, conversando sobre o seu cotidiano, acompanhando de perto as atividades feitas, sempre os estimulando através de brincadeiras, e assim, construir

vínculos importantes. Dessa forma, o/a professor/a poderá perceber detalhes do comportamento do estudante, demonstrando proximidade através de ações, possibilitando momentos bons entre ele e a criança.

Como docente na Educação Infantil, a proponente dessa pesquisa lembra que ao iniciar o ano letivo, as crianças dos Grupos II e III, que ainda vivem muito o colo da mãe ou da pessoa que cuida, e por estar tendo a primeira separação dessas pessoas, chegaram chorosas na escola. Nesse primeiro momento, precisaram de uma boa acolhida para o processo de adaptação, no qual foi necessária uma fala mais próxima, empatia, uma escuta mais ativa, e o resultado disso foi a aceitação a nova rotina. Nesse sentido, foi muito mais importante o respeito e a escuta a criança do que apenas a carícia ou abraço.

Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil coloca que:

Um dos princípios que devem sustentar a qualidade das experiências oferecidas às crianças, considerando-se suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas, “[...] é o direito das crianças o brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação social (BRASIL, p. 1998).

A afetividade e o lúdico são essenciais no processo de desenvolvimento da criança. Diante disso, as atividades lúdicas também precisam estar presentes, pois são brincadeiras que envolvem jogos e interações com outras crianças e adultos. Essas atividades, além de divertirem às crianças, ensinam e auxiliam no desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e motor de quem as praticam, proporcionando um ambiente agradável e divertido para a turma. Por isso, tanto professores, quanto os alunos são responsáveis por dar o tom a essa relação, mas é imprescindível que se compreenda que os professores são os maiores responsáveis, que seja por sua formação, experiência ou por suas diferenças em relação ao aluno, sujeito de formação, em busca de sua identidade.

Outra maneira importante de expressar o afeto com as crianças é mantendo uma boa relação com os pais/responsáveis. Acaba sendo uma maneira de mostrar preocupação com os pequenos para as famílias, construindo um vínculo importante de confiança com eles, os trazendo para dentro da escola. Em suas pesquisas, Piaget (1976) fala sobre a importância de inserir a família no processo de aprendizagem, promovendo uma participação maior na vida escolar do filho. Dessa maneira, o aprendizado da criança acontecerá com o auxílio de quem tem maior influência neste processo: escola e família.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda

recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 1976).

A relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender, o diálogo existente entre professor, família e aluno, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto a escutar, muitas vezes, acaba se transformando em um elo entre os dois, onde o professor conquista a atenção do aluno e desperta seu interesse para o querer aprender mais. Esse alcance é carregado de estímulo, no qual o professor socializa os conteúdos escolares com mais dedicação e comprometimento. De acordo com Rossini (2004, p. 16), “a falta de afetividade leva a rejeição aos livros, à carência de motivação para aprendizagem, a ausência de vontade de crescer. [...] aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso”.

O como aprender de forma mais significativa e prazerosa é uma temática importante. A inter-relação do educando com sua turma, e em particular, com cada um, é contínua, acontece o tempo todo, seja no pátio, na sala, nos passeios, sendo que através dessa aproximação afetiva que se realiza a construção de um conhecimento envolvente.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa aqui apresentada, foi de natureza qualitativa, que segundo Minayo (2004) é aquela que “se preocupa em dar respostas a questões particulares, com um nível de realidade que não se pode quantificar [...], a realidade é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (MINAYO, 2004, p.27).

Esse tipo de pesquisa permite que o sujeito se manifeste de forma livre, respondendo as questões de forma subjetiva, sendo possível dar realmente o seu entendimento/concepção do tema abordado. O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública, localizada no município de Santo Amaro BA, que atende a primeira etapa da Educação Básica: a Educação Infantil. A instituição foi selecionada por ser uma creche considerada referência na cidade, possuindo um grande quantitativo de professores, e pelo relacionamento existente entre a equipe gestora, algumas professoras e a proponente da pesquisa, facilitando dessa maneira o contato.

A técnica escolhida para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, aplicada com seis docentes, sendo três contratadas e três concursadas, duas de cada grupo (III, IV e V). O

primeiro contato foi feito com a vice-diretora, através dela a pesquisadora teve acesso às professoras, na qual foi marcada um encontro, de acordo com a disponibilidade de cada uma. As entrevistas, gravadas mediante a autorização (com termo de consentimento assinado em duas vias), foram realizadas de forma presencial, na própria instituição em que as professoras ensinam, durante o turno matutino e vespertino, sempre após às aulas, no período de 08 a 10 de novembro de 2022.

Além da coleta de informações que permitiram caracterizar as professoras (sexo, idade escolaridade, tempo de docência, entre outros), o roteiro de entrevista, pensado a fim de conhecer a compreensão das professoras sobre afetividade, sua importância e as práticas afetivas das mesmas em sala, foi composto pelas questões: **1.** Por que o(a) senhor(a) escolheu trabalhar na Educação Infantil? **2.** Para o(a) senhor(a) qual é o principal papel/finalidade da Educação Infantil? **3.** O que o(a) senhor(a) entende por afetividade em sala de aula? **4.** Para o(a) senhor(a) qual é a importância da afetividade no processo de ensino- aprendizagem na Educação Infantil? **5.** Comente sobre como o(a) senhor(a) trabalha a afetividade no processo de ensino-aprendizagem? **6.** Comente sobre os momentos em que a afetividade é trabalhada em sala de aula? **7.** Qual é a percepção do(a) senhor(a) sobre os resultados das relações afetivas na aprendizagem/desenvolvimento da criança?

Após o processo de coleta das informações, iniciou-se a etapa de análises dos dados, conforme é possível observar no tópico a seguir.

4 RESULTADOS: AS PRÁTICAS AFETIVAS DAS DOCENTES

A instituição pesquisa atende a Educação Infantil (Grupos II, III, IV e V) e funciona em tempo integral, tendo, aproximadamente, 194 estudantes matriculados. Esses sujeitos, em sua maioria, vivem em bairros mais periféricos de Santo Amaro – BA, são oriundos de famílias de baixo nível socioeconômico, na qual as mães precisam trabalhar para ajudar, e muitas vezes, sustentar a casa sozinha.

A tabela a seguir mostra o perfil das docentes entrevistadas. Para resguardar a identidade delas, essas foram identificadas pela letra inicial da palavra docente, acompanhada de um numeral.

Tabela 1 - Perfil das Docentes

Identificação	Sexo	Idade	Licenciatura em Pedagogia	Pós-Graduação	Tempo docência na E. I	Tempo de docência na instituição	Grupo	Tipo de vínculo
<i>D1</i>	F	41	Não	Não	11 anos	06 meses	G V	Temporário
<i>D2</i>	F	38	Sim	Não	02 anos	06 meses	G III	Temporário
<i>D3</i>	F	38	Sim	Não	02 anos	06 meses	G IV	Temporário
<i>D4</i>	F	43	Sim	Não	08 anos	07 anos	G V	Efetiva
<i>D5</i>	F	47	Sim	Sim	07 anos	07 anos	G IV	Efetiva
<i>D6</i>	F	53	Sim	Sim	11 anos	07 anos	G III	Efetiva

Fonte: Pesquisa de Campo.

No que se refere a formação das docentes em nível superior, observou-se que a docente D1 tem Licenciatura Plena em Normal Superior, as docentes D2, D3, D4, D5 e D6 são Licenciadas em Pedagogia. Acrescenta-se que a docente D3 tem pós-graduação em Alfabetização e Letramento, e as D5 e D6 são pós-graduadas em Psicopedagogia, possibilitando, dessa forma, uma percepção mais detalhada frente às necessidades e especificidades dos alunos no processo de aprendizado. Diante dessas informações, é possível verificar que todas as docentes atendem ao critério de formação de professores para a Educação Básica a que se refere o artigo 62º da lei nº 12.796 de abril de 2013, uma vez que todas são licenciadas em curso superior.

As professoras D2 e D3 possuem 02 anos de atuação na Educação Infantil. Já as demais docentes trabalham há 7 anos ou mais na área. Ressalta-se que as professoras D1 e D4 trabalham também em outras instituições (D1 na Educação Infantil e D4 nas séries iniciais do Ensino Fundamental). Nota-se ainda que, três das professoras trabalham em regime de contrato temporário e três são concursadas.

Seguindo com a análise das informações, as respostas das professoras foram separadas em tópicos principais, a saber: Percepções sobre a finalidade da Educação Infantil; Por que trabalhar na Educação Infantil; Concepções e a importância da afetividade; As práticas e os momentos da afetividade em sala de aula; e, Percepções sobre os resultados das relações afetivas na aprendizagem das crianças.

4.1 PERCEPÇÕES SOBRE A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A primeira questão da entrevista foi sobre qual era o papel da Educação Infantil. Notou-se que, três professoras entendem que essa primeira etapa da educação básica tem a finalidade de cuidar e educar, formando um cidadão completo e apto a viver em sociedade. Por outro lado,

três professoras trouxeram apenas a dimensão do educar e não mencionaram o cuidar. Partes das falas das docentes são apresentadas a seguir:

Um dos principais papéis é: o cuidar da criança e também da aprendizagem. Então é um conjunto, o cuidar, o educar, aprendizagem da criança, através do cuidar essa criança também se educa. É onde a criança está se formando, é a primeira infância, é o momento da formação da criança. Então tudo na Educação Infantil é importante, desde o momento do bom dia, ao momento do banho, tudo isso faz parte da EI. (D5).

Preparar as crianças do Ensino Infantil, dando uma base resistente e sólida para que elas possam seguir, dar continuidade no Fundamental I, no Ensino Médio, ou seja, várias coisas que são trabalhadas no infantil, digamos assim, são reforçadas no fundamental. (D1).

Sobre o cuidar e educar na Educação Infantil, é importante ressaltar que essas dimensões são importantes e devem estar associadas para atingir bons resultados no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RECNEI (1998, p. 23) enfatiza que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

É por meio dessa união do cuidar, educar e brincar que a criança desenvolve sua autonomia e identidade, na qual ela vai se estabelecendo e construindo os vínculos necessários para uma boa aprendizagem. Porém, ainda estamos diante de um grande problema em relação a essas ações nas instituições de Educação Infantil, pois em muitas escolas, ainda privilegiam o Cuidar, fazendo uso de momentos lúdicos apenas nas brincadeiras sem objetivos, desconsiderando as particularidades da criança; e através do Educar, realizam atividades que procuram habilitar a criança para o Ensino Fundamental, ou seja, focando apenas na realização de atividades de leitura e escrita, eliminando o tempo do Brincar. Sendo assim, Ramos & Alegre (2003, p. 29) ressaltam que: O Cuidar e Educar somente serão vistos de modo integrado quando: “culturalmente for assimilado que a criança não é um ser que deva ser preparado para ser adulto, mas um ser que deve e pode vivenciar a sua infância com as suas peculiaridades de criança [...]”.

4.2 POR QUE TRABALHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando indagadas sobre o motivo de terem escolhido trabalhar na Educação Infantil, três delas (D1, D2, D3) disseram que foi por prazer ou ainda por gostar de trabalhar com crianças. Já as outras três professoras, D4, D5 e D6, colocaram que foram por falta de opção e a necessidade de trabalhar. Entretanto as mesmas destacaram que com o exercício da profissão, aprenderam a gostar da Educação Infantil.

Na verdade, não foi uma escolha. Eu não escolhi trabalhar na Educação Infantil, quando eu passei no concurso fui chamada, então o cargo que me ofereceram foi na educação infantil. Na verdade, eu nunca tinha trabalhado com EI, tinha trabalhado com outros segmentos, porém este não. Mas aconteceu, eu me apaixonei pela Educação Infantil, embora fosse a primeira vez. Então acredito que mesmo sendo assim, algo que se fosse pra eu escolher, eu não escolheria, mas foi muito bom, hoje eu já escolheria. (D5).

A educação infantil é uma área que eu acho altamente importante para o desenvolvimento da criança, então é algo que eu sempre priorizei na verdade, por ser algo que eu me sinto muito bem, na verdade desenvolver um trabalho com criança, é algo que me satisfaz. (D6).

Em relação as professoras D4, D5 e D6, é válido acrescentar que elas são concursadas e quando aprovadas no processo seletivo, foram encaminhadas para a Educação Infantil, sem que ao direcioná-las, tivessem a preocupação de averiguar se as mesmas tinham experiência e afinidade/aptidão na área. Como já foi dito, a afetividade, nessa etapa de ensino, é essencial, sendo que os vínculos de confiança entre aluno e professor estão ligados diretamente ao sucesso e a aquisição de conhecimento/aprendizado. Dessa forma, é importante que exista prazer no exercício da prática docente.

Nessa conjuntura, Antunes (2006) afirma que:

Em toda educação, o que mais marca é, primeiro, o amor; depois, o exemplo; e, em terceiro lugar, o ensino, seria essencial que o(a) educador(a) infantil tivesse ilimitado amor a sua profissão e integral condição de transmiti-la através de seus gestos e de suas intervenções. Que gostasse muito de crianças e que mostrasse extremamente sensível ao afeto que desperta [...] (ANTUNES, 2006, p. 60).

É essencial que o professor tenha vontade, prazer e amor em ensinar, sendo que esse “querer” pode ser percebido em cada ação desse profissional.

4.3 CONCEPÇÕES E A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

A terceira pergunta da entrevista objetivou conhecer a visão das professoras sobre o que é afetividade. Foi possível perceber que todas elas apresentaram uma compreensão mais ampla, não restringindo esse termo a definição de carinho, ou seja, para elas, a afetividade vai além de sentimentos (abraços, beijos, colos), incluindo também a perspectiva das relações humanas, indo de encontro às ideias de autores como Piaget, Wallon e Vygotsky.

Afetividade vai além de sentimentos de amor, ternura e carinho; ela está relacionada a emoção, estados de humor, motivação, atenção, personalidade, temperamento, dentre outros termos. Ela exerce papel fundamental nas relações, influenciando o interesse na aprendizagem, a autoestima, a memória, a percepção, a vontade e as ações, favorecendo a construção da personalidade humana. (VYGOTSKY, 1998, p. 42).

A professora D3 define a afetividade como uma mistura de sentimentos, de carinho, de acolher, cuidar e amar. A professora D1 destaca que a criança pode ser afetada negativamente quando não existe o afeto, assim, a concepção dessa professora é bem próxima do pensamento de Wallon (2010), que considera a construção da criança em sua totalidade (afetiva e cognitiva). De acordo com o teórico, o ser humano pode desse jeito ser afetado de maneira positiva ou negativa de acordo com os estímulos internos e externos.

A afetividade é um sentimento de acolher, de cuidar, de amar, pois as crianças saem de suas casas, deixam suas famílias e é nessa escola que ela precisa achar esse amor e esse carinho. (D3).

Sem o afeto, é digamos, vou dar um exemplo aqui, se a gente ensina sem afetividade, ou seja, se a gente faz sem afetividade isso vai refletir diretamente na criança, que vai aprender algo de forma negativa ou ruim, pura e seca. Ou a gente faz com carinho, ou a gente trata bem para conseguir obter um resultado da criança, extrair algo bom dela, ou para que esse reflexo continue na vida dela, ou a gente vai ser seco e não vai refletir em nada. Ou seja, se não formos afetuosos nas nossas ações, a criança não vai evoluir com tanta eficiência como seria com o afeto. (D1)

Foi interessante também verificar que todas as professoras percebem que a afetividade tem papel determinante no desenvolvimento da aprendizagem, ajudando na construção da autoestima e do pensamento. Favorecendo trocas de experiências entre professor/aluno e aluno/aluno e criando laços entre eles.

Divinamente essa pergunta! Afetividade é tão importante para o desenvolvimento da criança em todos os sentidos, tanto na aprendizagem, como no lidar com o outro, como a questão da solidariedade. Então, quando você trabalha com afetividade

dentro de sala de aula, a tendência é que as crianças sejam mais calmas, que consigam assimilar os conteúdos que você está passando para elas, e provavelmente elas vão aprender com muito mais facilidade. (D6).

Nesse sentido, a combinação feita com a afetividade e o ensino geram marcantes conexões para as crianças nessa fase de desenvolvimento, influenciando na criatividade, provocando atos de solidariedade, de modo que desperta a conscientização das crianças para a prestação de atos de bondade, para compreender e saber lidar com as diferentes circunstâncias que ocorrem em sala de aula, e posteriormente na própria vida. Isto porque esse ensino acompanhará o desenvolvimento da criança, ao ponto de futuramente fluir para outras áreas da vida, tornando-o indivíduos afetuosos, que farão a diferença dentro de uma sociedade tão egocêntrica.

4.4 AS PRÁTICAS E OS MOMENTOS DA AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

Ao serem questionadas sobre suas práticas afetivas, bem como acerca dos momentos em que as mesmas são desenvolvidas em sala de aula, as docentes apresentaram experiências diversas.

A D1 disse que é através de um ambiente acolhedor e de atividades lúdicas, rodas de conversas, contação de histórias, trabalhando projetos como valores, amizade etc. Nesse sentido, a professora traz a questão do acolhimento, do carinho, do estímulo e o cuidado na fala. A D6 estabelece diálogos, momentos de conversas sobre respeito, amizade, trabalhando valores e desenvolvendo atividades lúdicas também com o mesmo intuito. A docente trouxe como exemplos de atividades: trocas de bilhetes, autorretrato dos colegas, bombons para presentear os colegas. As demais professoras, D2, D3, D4 e D5, tiveram a mesma visão das professoras anteriores, porém foram mais sucintas na fala. Diante das respostas das professoras, é possível perceber que não existe um momento específico para que elas trabalhem a afetividade em sala, isso acontece a todo momento, ou seja, acontece naturalmente. Vale destacar que elas procuram sempre aliar algumas atividades específicas, como projetos que trabalham valores, amizade, respeito, fortalecendo suas práticas pedagógicas na Educação Infantil através do afeto.

Quando eles chegam. Na chegada, eu recebo com carinho. Quando eles saem, me despeço com carinho. Quando eles fazem algo, quando eles participam ou se mostram, se destacam em alguma determinada questão. Eu... demonstro logo aquela felicidade por eles estarem reagindo bem, entendendo bem, correspondendo bem a minha aula, e incentivando também, motivando...(D1)

Em relação ao trabalho, por exemplo a gente faz cartazes relacionados a afetividade, a questão do amor, a questão da solidariedade, do respeito, tudo isso faz parte da afetividade, e se você não tem nenhum desses itens aí, você não consegue ser uma pessoa que tenha carinho de verdade, que flua. Então a gente trabalha isso ludicamente, brincamos muito com essa parte da afetividade. Vamos dar as mãos, vamos abraçar, vamos escolher o coleguinha que a gente mais gosta e fazer um bilhetinho pra ele, mesmo as garatujas, mas vamos fazer um bilhetinho para quem você mais gosta, vamos trazer um bombonzinho para o coleguinha amanhã, vamos fazer um amigo secreto de bombom, então a gente brinca muito nessa questão de eles estarem muito unidos, interagindo de forma afetiva. (D6).

A afetividade quando trabalhada durante toda a rotina da criança, de forma lúdica, através de brincadeiras, jogos, projetos e dinâmicas em grupo, é uma ótima maneira de promover a interação entre aluno/aluno e aluno/professor, podendo modificar o ambiente escolar e tornar as pequenas atitudes do cotidiano em aprendizado para a vida. Ainda segundo Vygotsky (1979, p. 45), “A criança aprende muito ao brincar. O que aparentemente ela faz apenas para distrair-se ou gastar energia é na realidade uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social, pedagógico”.

Essas práticas lúdicas têm excelente efeito pedagógico, pois a partir do momento em que as crianças são mais receptivas à atividade, elas se envolvem e internalizam melhor o que está sendo ensinado.

4.5 PERCEPÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

Uma outra questão foi sobre como as professoras percebem os resultados das relações afetivas na aprendizagem da criança. As contribuições apontadas pelas professoras foram que: os resultados podem ser percebidos com base no comportamento do aluno; a partir do momento em que a turma retribui com afetividade nas relações aluno/professor e aluno/aluno, demonstrando entusiasmo para aprender e realizar as atividades que são propostas pelo professor de maneira prazerosa, e também na interação social com os colegas, fazendo questão de ajudar o outro quando tem dificuldade na realização de alguma tarefa, demonstrando empatia pelo outro.

Através do retorno que eles dão a gente, em sala de aula, o entusiasmo, a empolgação, a participação... (D3).

Isso aí eu falo com muito orgulho, aqui na escola, graças a Deus, a minha turma é a turma mais elogiada em relação a paz, a tranquilidade. Nós estamos na sala de aula,

com 9 crianças, e hoje a sala nem tá cheia, eu tenho 17 alunos, e é essa tranquilidade que você está vendo, aqui eles têm boas maneiras, eles são tranquilos. A sala é elogiada, a gente tem paz e isso faz parte do nosso trabalho com a afetividade e está fluindo. (D6).

O retorno das crianças vem, muitas vezes, da forma como ela lida com a gente, porque muitas vezes as crianças chegam respondonas, agressivas. Eu gosto muito de utilizar palavrinhas mágicas, como bom dia, me desculpa, obrigada, licença. Então com o passar do tempo, a gente já percebe a mudança nas crianças pronunciando essas palavras. (D5).

Com base nas respostas apresentadas, é possível observar que as professoras possuem a consciência dos benefícios que são gerados quando aplicam a afetividade interligada ao ensino. As docentes mostram-se propensas para desempenharem seus papéis enquanto mediadoras da construção do conhecimento, intermediadas pelas dimensões afetivas. As falas das professoras, fazem uma concordância com Piaget (1971, p.271), quando diz que é impossível desvincular a afetividade da cognição, ou o contrário. Como não há a separação entre o desenvolvimento afetivo e o cognitivo, o desenvolvimento social está intimamente relacionado a esses aspectos, formando um elo entre estes, à medida em que a criança interage com os adultos e com outras crianças.

Através das falas das docentes, percebe-se que quando as crianças são tratadas com palavras e comportamentos afetuosos, que lhe despertam sentimentos bons, como o amor, a amizade, o carinho, as mesmas sentem-se seguras e tranquilas ao ponto de reproduzir o mesmo, tanto no ambiente da sala de aula com os colegas e docentes, quanto em casa. Com isso, é possível compreender que, se fossem realizadas com as crianças, atitudes contrárias aos que foram citadas acima, haveria enormes chances de elas reproduzi-las da mesma forma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada neste artigo teve o objetivo de investigar de que maneira as professoras desenvolvem ações afetivas no cotidiano escolar, com crianças de 03 a 05 anos, em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Santo Amaro – BA. Tratou-se de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, desenvolvido no âmbito do Curso de Licenciatura em Pedagogia - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Considera-se que o objetivo do estudo foi alcançado, haja vista que por meio das entrevistas realizadas, as professoras demonstraram ter conhecimento da importância da

afetividade na sala de aula da Educação Infantil, sendo caracterizado por elas como uma ferramenta eficiente para a prática docente, uma vez que a afetividade possui a capacidade de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, sobretudo, em suas relações interpessoais.

Sendo considerada como uma demonstração de emoções e desenvolvida desde a infância, a afetividade é identificada como um dos pontos principais do desenvolvimento da criança. Na pesquisa, as professoras apresentaram um conceito mais amplo sobre o que é a afetividade, não restringindo esse termo a atitude de carinho (abraço e beijo), perspectiva que vai de encontro com os autores estudados.

Assim sendo, todas as professoras demonstraram que a afetividade possui um papel fundamental no processo de desenvolvimento da aprendizagem, beneficiando a construção da autoestima, sendo positiva quando atrelada ao ensino. Logo, as docentes mencionaram que trabalham a afetividade por meio de atividades lúdicas, com um ambiente acolhedor, rodas de conversas, histórias, trabalhando projetos como valores, dentre outros exemplos.

Os resultados da afetividade podem ser vistos no próprio comportamento dos alunos, a partir do momento em que a turma retribui com afetividade nas relações aluno/professor e aluno/aluno, demonstrando entusiasmo para aprender e realizar as atividades que são propostas pelas professoras.

Almeja-se que este trabalho colabore com o debate acerca da afetividade na prática docente, incitando a realização de outras investigações nessa área. Sugere-se que se possa conhecer de forma mais minuciosa os benefícios da afetividade, inclusive, quando existe a atuação da família em parceria com a escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ANTUNES, C. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis: Vozes, 2006.

ANTUNES, C. **Educação infantil**: prioridades imprescindíveis. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: introdução: volume 1. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MEC; CNE, CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CEB-CNE, v. 1, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96**: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

BUJES, M. I. E. Escola infantil: pra que te quero? *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P. da Silva (org). **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13-22.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak. 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 134p.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa de Lima. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 14. Ed, 1992.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.

MÜLLER, F.; HASSEN, M. N. A. A infância pesquisada. **Psicologia USP**, v. 20, p. 465-480, 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/7GwJ7wsWFRB68NK3npK3npKmZDt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 9, fev, 2023.

MUTSCHELE, M. S. **Problemas de aprendizagem da criança**: causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R. ; DE OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. *In*: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 9. ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Zanhar, 1971.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense universitária. (Trabalho original publicado em 1964), 2014.

PILETTI, C. **História da Educação.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1988, p. 165.

RAMOS, A. I. L.; ALEGRE, A. M. P. Cuidar e educar no berçário. A superação de um paradoxo na educação infantil. **Pátio Educação Infantil**, ano I, n.1, p. 29-31, abr.-jul. 2003.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, F.; RUBIO, J. A. S. Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental: uma contribuição teórica. **Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003. Disponível: < http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%na%Infancia.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. M. Resende, Lisboa, Antídoto, 1979.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995.